

Prova de fogo nos juros

CRISTINA BORGES

O tema da discussão sobre a eficácia das medidas do pacote fiscal, que somam R\$ 28 bilhões, repousa na redução das taxas de juros. A previsão do governo de baixar o patamar atual da taxa básica superior a 40% para uma média de 21,89%, em 1999, é colocada em xeque por economistas, mas também conta com a convicção de outra corrente desses especialistas.

A corrente contrária à defesa da âncora cambial, sustentada pelo pacote fiscal, defende uma solução que passa pela desvalorização do real para a queda mais rápida dos juros, aliada a um equilíbrio fiscal, para a retomada do crescimento econômico. "Uma taxa de juros de 20% impede qualquer reação de crescimento, num quadro de recessão e de deflação", atesta Lauro Faria, editor chefe da revista *Conjuntura Econômica*, da Fundação Getúlio Vargas.

Para Cláudio Contador, professor titular da UFRJ, uma taxa de juros próxima a 20% é gigantesca. Segundo ele, a política de juros altíssimos para evitar a fuga de capitais é ineficaz. Numa simulação para identificar os juros suficientes para estancar a saída de dólares, bate 80%, "o que é totalmente inviável".

Numa pesquisa com 280 empre-

sários cariocas, em julho último, Contador encontrou 82,1% das respostas que não haveria desvalorização cambial. Repetida a pesquisa em setembro, com 206 empresários, 83% responderam que a desvalorização ocorreria. À pergunta adicional sobre de quanto deveria ser, o percentual de 15% a 20% concentrou 50,9% das respostas.

A desvalorização cambial, entretanto, não faz parte do receituário de Sergio Werlang, diretor do banco BBM. "Os juros de 21,89% projetados para o orçamento de 1999 são conservadores, sob o ponto de vista de uma margem de erro para cima", diz ele. "Se as medidas forem aprovadas pelo Congresso, e o governo federal e as estatais cumprirem as metas fixadas, as chances são boas para os juros caírem a 20% ao ano, já em março, podendo chegar a 17% no fim do ano", calcula. Werlang apóia a alternativa escolhida pelo governo, na sua opinião, melhor que uma desvalorização cambial.

Luiz Chrysostomo, diretor do banco Patrimônio/Salomon Smith Barney, acredita que o efeito das medidas sobre os juros já se fará sentir a partir de dezembro. O primeiro semestre de 1999, a seu ver, será o período mais difícil, pela recessão. Uma reação positiva da economia começaria a partir de setembro.